

A designer Né Santelmo não gosta de estar parada. Parte do seu processo de trabalho envolve dar passeios com os cães, visitar um amigo, ver uma exposição ou apreciar um bom filme. Os seus diferentes interesses e a sua energia são visíveis no trabalho que desenvolve, não só pelas várias áreas que explora, como o desenho, a fotografia, a cenografia, a música e o design, mas também pela combinação das técnicas que utiliza. Esta experimentação é especialmente visível nas explorações que faz com fotocópias, onde associa objetos quotidianos e imagens das artes clássicas, como um pedaço de renda e uma escultura barroca. Mas, no seu processo de trabalho, Né Santelmo não só explora as relações inesperadas entre materiais e técnicas. Interessante também encontrar novas formas de colaboração com os clientes, as gráficas e os colegas que a rodeiam, tirando partido da natureza genuinamente colaborativa do design. A força do seu trabalho surge precisamente deste entrelaçamento de interesses, materiais e direções. Esta é também a razão pela qual o seu trabalho não é de categorização fácil.

No final dos anos 70, ainda estudante na então chamada Escola Superior de Belas Artes do Porto, Né Santelmo fez parte de um projeto musical excepcional, *Vai de Roda*, que não só produzia música, como também inventava instrumentos, criava figurinos e escrevia ensaios tendo como base um projeto etnográfico que analisava e investigava a herança cultural e musical portuguesa. Natural de Trás-os-Montes, o trabalho desta designer começou por uma observação rigorosa, a partir do desenho, das paisagens e das mulheres transmontanas. Inspirada por estas mulheres, encontrou os materiais, as cores e a sobreposição de camadas que trouxe para a criação dos figurinos. Nas paisagens, descobriu a serenidade e as cores que usou na criação dos cenários (também eles desenhados para dar resposta a um problema particular, uma vez que tinham que ser facilmente transportáveis na *tour* internacional do grupo).

Após terminar o curso de Artes Gráficas, Né Santelmo começou a colaborar com o designer João Nunes com quem desenhou várias identidades corporativas, aproveitando o momento em que Portugal, no começo da sua democracia, abria as portas à importação e exportação, o que levou muitas empresas a procurarem o design gráfico para as suas campanhas visuais. Nestes anos 80, as portas abriram-se também a nível cultural, muitos projetos musicais e artísticos floresceram, contribuindo para que Né Santelmo e João Nunes trabalhassem com bandas como *Requiem Pelo Vivos* ou a icónica e portuense *Ban*.

Estes foram alguns dos projetos que marcaram o início do caminho de Né Santelmo no design gráfico. Caminho frutífero, que ainda hoje percorre, com momentos marcantes

para a história do design português, um caminho aberto livremente, dando asas à experimentação e à criatividade, à vontade de aprender e de crescer.

Ana Menezes nasceu em Coimbra em 1963. Depois de se formar no Curso de Desenho pela Cooperativa Árvore, no Porto em 1987, começou a colaborar com Né Santelmo e João Nunes. Um dos seus trabalhos presentes no catálogo da Exposição Nitidez mostra um interesse apurado no desenho. Em 1988 começa a lecionar uma cadeira de ilustração na Escola de Moda CITEM e participa na IV Bienal de Design Gráfico de Cerveira.

As designers Ana Menezes e Né Santelmo, conheceram-se no atelier de João Nunes e decidiram continuar a trabalhar juntas. Em 1990, fundaram o atelier Pã Design. Interessadas em explorar as potencialidades tácteis do design, usavam diferentes materiais nos seus projetos e eram entusiastas das tecnologias — desde máquinas fotocopadoras ao novo software chamado “Photoshop” — como potenciadores da criação e manipulação de imagens. Na era pré-internet, para estas designers qualquer oportunidade era boa para explorar a materialidade do design, até a própria divulgação do estúdio, para o qual criaram cartões festivos e portefólios originais que ofereciam aos clientes. Um destes cartões, criado pela altura do Carnaval, consistia numa série de instruções que, quando seguidas, formavam uma máscara apenas com o papel onde vinham impressas.

Em 2004, Ana Menezes, Né Santelmo e João Nunes voltam a juntar-se e formam o atelier Nunes e Pã. As histórias entrelaçadas destes três designers exemplificam a dificuldade que por vezes se encontra quando se tenta documentar a prática de um designer. Uma vez que tiveram uma variedade de configurações como: “Atelier João Nunes”, “João Nunes e Né Santelmo”, “Ana Menezes, João Nunes e Né Santelmo”, “Pã Design” e “Nunes e Pã”, para tentar documentar toda a sua prática é necessário procurar várias nomeações o que por vezes leva a atribuições errôneas. No decorrer desta investigação encontramos vários projetos que apesar de estarem devidamente creditados, pormenorizando até quem foi responsável pelo design, fotografia ou ambos, tinham sido referidos durante a nossa formação como sendo feitos só por um destes designers. Isto só denota que, muitas vezes, não é uma autoria falsamente atribuída que conduz a um registo errôneo da história, mas que é no processo de contar e recontar as histórias complexas, com a vontade de as simplificar que se permite que se dêem erros e omissões, solidificando esses mesmo erros e omissões numa história que muitas vezes exclui as mulheres envolvidas.

*Isabel Duarte, 2021*